

Entre notas de choro e sabores de samba: tradição oral, comensalidade e negritudes em Rodas de Conversa no subúrbio carioca¹

Adelaide CHAO²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Esse artigo busca compreender como a Roda de Conversa, uma prática formal e constante no ambiente educacional é reproduzida e representada em eventos de lazer popular no subúrbio carioca. Observamos através da *Feira das Yabás* em Oswaldo Cruz e da *Roda de Choro* em Olaria, as relações entre memória e história das rodas, a comensalidade no espaço público-comunitário e as conexões de ancestralidade e negritude, formadoras da cidade do Rio de Janeiro. O estudo utilizou-se da metodologia de pesquisa-ação e observação participante (Peruzzo, 2016;2022), da vivência sensível do pesquisador para perceber (e registrar) a importância da roda de conversa como prática de cidadania e comunicação comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; oralidade; memória; cultura urbana; comida de rua.

Apresentação

Os subúrbios cariocas, localizados nas zonas norte e oeste da cidade do Rio de Janeiro, são conhecidos, dentre outros fatores, como lugares de memória e cultura, por preservarem em seus espaços, tradições que formam a identidade cultural da cidade. Em espaços de lazer popular, como festas e eventos culturais, a tradição oral se manifesta de forma vibrante e dinâmica através das rodas de conversa, encontros organizados que não apenas preservam e disseminam a cultura, mas também fortalecem os laços comunitários (Paiva, 2003). Esses eventos, muitas vezes centrados em torno da música, especialmente do chorinho e do samba, e da comensalidade são fundamentais para a manutenção da memória coletiva e da identidade cultural. O subúrbio, com sua rica tapeçaria de histórias e experiências, oferece um cenário único onde tais práticas se desenvolvem e florescem, reforçando o sentido de pertencimento e continuidade entre seus moradores (Chao, 2015).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre e doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora de pós-doutorado no PPGCom UFRJ, sob supervisão do prof. Dr. Muniz Sodré. Pesquisa subsidiada com apoio Bolsa de Pós-Doutorado FAPERJ Nota 10. E-mail: profa.adelaide.chao@gmail.com

Observando as rodas de conversa para além de um método ou técnica pedagógica, principalmente no campo da educação infantil (Petit, 2012) ou na saúde coletiva (Melo et.al., 2016), este artigo busca explorar como essa prática de comunicação oral, integrando música e comensalidade, atua como pilar na construção de uma comunicação comunitária e na preservação da memória cultural do subúrbio carioca.

Utilizando uma abordagem interdisciplinar e qualitativa, destacamos também a importância das rodas de conversa como espaços de resistência cultural e cidadania ativa, sublinhando seu papel na valorização e perpetuação da rica herança afro-brasileira do subúrbio carioca.

Percurso conceitual: entre notas de choro e sabores de samba

A música, particularmente o samba e o chorinho, desempenha um papel central nesses encontros suburbanos, servindo como uma ponte entre gerações e como um meio de expressão da vivência cotidiana, desde a época de formação dos bairros. Esses gêneros musicais, nascidos e nutridos nos quintais e praças do subúrbio, carregam consigo não apenas ritmos e melodias, mas também narrativas de resistência, celebração e identidade. Em um passado não muito distante, Muniz Sodré (1998) observa que a crioulização ou mestiçamento dos costumes tornou menos ostensivos os batuques, obrigando os negros a novas táticas de preservação e de continuidade de suas manifestações culturais. O autor ressalta que ao observar os batuques do samba, do jongo, partido-alto, e até mesmo do pagode e do chorinho, há uma modificação, ora para se incorporarem às festas populares de origem branca, ora para se adaptarem à vida urbana. A marginalização socioeconômica do negro já se tornava evidente no final do século XIX, através da sistemática exclusão do elemento de cor pelas instituições (escolas, fábricas etc.). Essa desqualificação não era puramente tecnológica (não se limitava ao simples saber técnico), mas também cultural (os costumes, os modelos de comportamento, a religião e a própria cor da pele tornaram-se elementos estigmatizados pelo processo socializante do capital industrial) (Sodré, 1998, p. 13-14). Na virada do século, em eventos comunitários, a música se propõe a agir como um elemento unificador, capaz de reunir indivíduos de diferentes faixas etárias e origens sociais em torno de um patrimônio comum.

Tanto a Feira das Yabás quanto a Roda de Choro são eventos essencialmente musicais. Do início ao fim, os ritmos e a sonoridade permanecem no espaço da rua. O ato

de comer no espaço público nestes eventos está intrinsecamente ligado ao ato de ouvir a música, sentir o ritmo, perceber os diferentes movimentos dos corpos, seja em pé, seja sentado, batucando as mãos na mesa, remexendo o corpo enquanto come.

A comensalidade, ou o ato de compartilhar refeições, os “modos de comer e estar junto” (Maffesoli, 2005), complementa e enriquece essas rodas de conversa, criando um ambiente de hospitalidade e troca mútua). A comida, assim como a música, é um poderoso veículo de memória e identidade (Montanari, 2008). Nos encontros comunitários, pratos tradicionais da culinária carioca são servidos e apreciados, enquanto a roda de conversa acontece, evocando lembranças de família, celebrações passadas e histórias de vida. A comensalidade promove o convívio e o diálogo, permitindo conexões entre pessoas, memória e lugares (Chao, 2023). Nesse contexto, as rodas de conversa não são apenas momentos de transmissão de conhecimento, mas também de fortalecimento dos laços afetivos e sociais, essenciais para a coesão e a solidariedade comunitária.

Defino comida de subúrbio como sendo aquela refeição de hábitos cotidianos de uma culinária caseira, elaborada em grande quantidade, preparada com afeto para servir a muitas pessoas em momentos de celebração. A comida de subúrbio carioca representa a tradição familiar matriarcal, diretamente relacionada às memórias afetivas individuais e coletivas quando compartilhadas com outros sujeitos, já que é uma comida preparada e servida para muitas pessoas. São pratos típicos da gastronomia carioca, organizados com ingredientes simples, de baixo custo e de fácil acesso, geralmente produzidos na cidade do Rio de Janeiro (Chao, 2023). Produzir, reproduzir e compartilhar as refeições dessa gastronomia popular, não só fortalece os laços comunitários, mas também serve como um meio de transmitir histórias e memórias. Esse intercâmbio de saberes cultural e gastronômico permite que a comunidade negra do subúrbio carioca celebre e preserve sua herança de forma autêntica e significativa.

As rodas de conversa aqui analisadas, centradas na comensalidade, música e memória, são essenciais na preservação e valorização da cultura negra do Rio de Janeiro. A música, tanto o samba quanto o choro, patrimônios culturais brasileiros e que têm raízes na ancestralidade e vivência, se reafirma como resistência e celebração dessas identidades. Através da oralidade, histórias de luta e resiliência são contadas e recontadas, fortalecendo a identidade e a coesão comunitária. Ao destacar as contribuições das tradições afro-brasileiras para a cultura local, essas práticas ajudam a combater o racismo e a marginalização, promovendo ações de cidadania como veremos ao longo do estudo.

Percurso Metodológico: entre comer, ouvir e sambar

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de característica descritiva, apoiando-se em técnicas de observação participante em dois eventos públicos em bairros tradicionais do subúrbio carioca, zona norte da cidade do Rio de Janeiro:

a) a *Feira das Yabás*, que acontece todo 2º domingo do mês na Praça Paulo da Portela no bairro de Oswaldo Cruz, região da Grande Madureira. Criada em 2008, a Feira é patrimônio cultural imaterial pela cidade e pelo estado do Rio de Janeiro;

b) a *Roda de Choro* que acontece todo 3º domingo do mês no Reduto Pixinguinha, na Praça Ramos Figueira no bairro de Olaria – tradicional espaço da cultura musical do choro, bairro onde viveu o compositor, músico, maestro, professor e arranjador Alfredo da Rocha Vianna Filho (1897-1973), o famoso Pixinguinha.

Ambas fazem parte da programação oficial de eventos da Prefeitura da cidade como manifestação artística e cultural, a partir da gastronomia e música. A seleção das edições das rodas de conversa para análise nesse estudo deu-se a partir de observação participante em Oswaldo Cruz e relato de experiência em Olaria: a edição da Feira das Yabás em 09 de julho de 2023, quando o professor e sociólogo Muniz Sodré conduziu a conversa sobre as relações entre a cidade e a cultura negra; a edição da Roda de Choro realizada em 19 de maio de 2024, quando a pesquisadora Adelaide Chao relata sua experiência como condutora da roda de conversa sobre as relações entre memória e história cultural da comida de subúrbio carioca.

Além da pesquisa de campo, o estudo desenvolveu-se com pesquisa bibliográfica visando conceituar as rodas de conversa como prática metodológica de tradição oral, ressaltando o caráter sensível da comunicação comunitária (Paiva, 2003; Sodré, 2006). Analisamos também, como a herança cultural negra - através da música, da gastronomia e da comensalidade suburbana (Chao, 2023; Moreira, 2010) - impulsionam a cidadania e o sentimento de pertencimento ao território suburbano.

Rodas de Conversa: práxis entre comunicação e educação

A origem das Rodas de Conversa remonta à Antiguidade, onde as sociedades utilizavam a oralidade como principal meio de comunicação e transmissão de

conhecimento, servindo como ferramenta de coesão social - uma prática democrática de diálogo e participação. Esta forma de interação coletiva pode ser rastreada em diversas civilizações antigas, como as gregas, romanas e africanas como um meio de preservação da memória coletiva e da tradição oral. Na Grécia Antiga, as Rodas de Conversa estavam integradas à vida pública e intelectual da *polis*. As famosas *ágoras*, praças públicas onde cidadãos se reuniam para debater assuntos políticos, filosóficos e sociais, são um exemplo clássico dessas práticas. Filósofos socráticos e “cidadãos mais abastados da cidade-estado” utilizavam a técnica dialógica, conhecida como maiêutica, para estimular o pensamento crítico e a busca pelo conhecimento, provocando a reflexão da comunidade sobre diversos temas, promovendo a troca de ideias e o crescimento intelectual mútuo (Hohlfeldt, 2001, p.66).

Atentando-se à formação da cultura brasileira, as Rodas de Conversa apresentam-se para além de uma prática de comunicação oral e registros de memória coletiva, herança das tradições dos povos indígenas e da população negra em diáspora, desde o século XVI. Ao examinar a dimensão da oralidade, a pesquisadora em História da Comunicação, Marialva Barbosa (2016), argumenta que a comunicação utilizada pelos negros escravizados foi moldada pela memória e pelo ato narrativo, muitas vezes em códigos e signos particulares, levando em conta as condições extremamente violentas da escravização no Brasil. A autora aprofunda essa análise ao afirmar que a produção de sentido se baseia nos atos mnemônicos (Barbosa, 2017). Essa perspectiva considera como genuínos atos comunicacionais aqueles que tornam comuns as sensações corporais, transportadas como lembrança duradoura de uma cena fixa. Essas práticas revelam a sofisticação do comportamento narrativo desses indivíduos, contribuindo significativamente para a atualização das teorias interpretativas da escravidão.

[...]outra competência da oralidade era a musical. Improvisavam sons e acompanhamentos, fazendo das mãos instrumentos privilegiados para o batuque, e executavam músicas para serem publicadas, isto é, dirigidas a uma audiência que podia estar ou não participando diretamente da roda de cânticos e danças. A comunicação criada oralmente é sempre orientada para outro, pressupondo uma audiência, um público externo àquele que fala e que é percebido como alguém que, mesmo estando ao largo do que executa os atos comunicacionais sonoros, é parceiro da cena dialógica que se estabelece. Diante da audiência e de suas reações, os atores da comunicação oral podiam mudar a intensidade do acompanhamento, os gestos da dança e mesmo os versos da música. Criava-se sempre uma composição partilhada. (BARBOSA, 2017, p. 156)

Observar a oralidade das rodas de conversa sob a ótica da cultura oral afro-brasileira, é validá-la como modos de comunicação que resistiram como práticas

comunicacionais (Barbosa, 2016;2017) e que são (re) produzidas como práticas culturais contemporâneas.

No início do século XIX, as rodas de conversa realizadas pelos negros no Rio de Janeiro eram espaços cruciais para a transmissão de diversos tipos de saberes entre os mais idosos e a comunidade. Nessas rodas, os mais velhos compartilhavam conhecimentos sobre práticas religiosas, técnicas de agricultura e culinária, bem como saberes médicos tradicionais e estratégias de resistência contra a opressão escravocrata. Segundo João José Reis (2003), a oralidade desempenhava um papel fundamental na preservação e transmissão da cultura africana e afro-brasileira, permitindo que tradições, histórias e práticas fossem mantidas vivas apesar das adversidades. Reis destaca que esses encontros eram também momentos de reforço de fortalecimento comunitário, onde a memória social (e coletiva³) era constantemente renovada e adaptada às novas realidades vividas pela população negra urbana (Reis, 2003).

Observando práticas metodológicas de aprendizagem, as pesquisadoras em Educação, Adriana Moura e Maria da Glória Lima (2014) argumentam que Rodas de Conversa requerem intencionalidade educativa, planejamento e reflexão constante. Embora o hábito da conversa tenha se transformado com o tempo e com as novas tecnologias, em ambientes pedagógicos formais e não-formais, a Roda de Conversa se revela um instrumento poderoso de possibilidades de produção e ressignificação de saberes sobre as experiências entre os participantes, considerando um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um constante exercício de escuta e fala (Moura e Lima, 2014). Geralmente conduzida por um mediador que apresenta a temática através de seus conhecimentos e vivências para em seguida provocar um diálogo com a plateia.

A ativista antirracista norte americana Glória J. Watkins, conhecida pelo pseudônimo bell Hooks (2017), reforça a ideia de que a educação deve ser uma prática da liberdade⁴ e um espaço de transformação. Em defesa da construção de uma pedagogia engajada que objetiva recuperar no sujeito-aprendente a vontade de pensar criticamente, Hooks argumenta que espaços de conhecimento devem ser locais de partilha e respeito mútuo onde vozes marginalizadas são ouvidas e valorizadas, seja em sala de aula ou em praça pública (HOOKS, 2017, p.28). Destaca que o diálogo é uma forma de vínculo que nos “permite sentir que não estamos sozinhos em nossas lutas”, (HOOKS, 2017, p. 267-

³ Conceito de memória social e coletiva nas palavras de Maurice Halbwachs, 1990 (grifo meu)

⁴ Conceito de prática de liberdade nas palavras de Paulo Freire (1987).

273). Este formato de interação preserva a oralidade como um meio essencial de fortalecimento de identidades e resistência cultural.

A transmissão oral de saberes e memórias é o compromisso social da Feira das Yabás, através da gastronomia, música e outras artes descendentes da nossa cultura afro-brasileira. O chão da praça é marcado como espaço de resistência da cultura suburbana, diversa e essencialmente negra (Chao, 2023). A filósofa brasileira Djamila Ribeiro discute amplamente a importância de reconhecer e valorizar as vozes e experiências das pessoas negras (Ribeiro, 2017;2019). Ela afirma que "é fundamental que nos conscientizemos da importância de construir narrativas que combatam as opressões" (RIBEIRO, 2017, p. 25).

No contexto das Rodas, especialmente aquelas voltadas para a cultura afro-brasileira, a oralidade desempenha um papel importante na transmissão de histórias, tradições e resistências dessas comunidades. A filósofa reforça:

O apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribui significativamente para a pobreza do debate público, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos. Se somos a maioria da população, nossas elaborações devem ser lidas, debatidas e citadas. (RIBEIRO, 2019, p.64)

Feira das Yabás: cidadania e comunicação comunitária na Roda de Conversa

Conversa, música e comida é o que propõe a Feira das Yabás. As Rodas de Conversa no evento surgem com o objetivo de promover um diálogo entre personalidades da cultura brasileira e o público, abordando temas que envolvem cidadania, cultura e memória. Desde 2023, intelectuais como Muniz Sodré, Conceição Evaristo, Luiz Antonio Simas, Jurema Werneck, Helena Theodoro, Nei Lopes (e outros) participaram das Rodas dialogando sobre ancestralidade, cultura afro-diaspórica brasileira, curiosidades da história cultural do Rio de Janeiro, racismo e suas diferentes expressões, literatura, artes e, claro, o samba.

Observamos a Roda de Conversa realizada na edição de 09 de julho de 2023 ⁵em homenagem ao dia estadual do Jongo (26/07) e ao sambista Roberto Ribeiro (1940-1996), conduzida pelo professor e sociólogo Muniz Sodré e pelo compositor e diretor teatral Luís Felipe de Lima. A Roda tratou de temas como música, cultura negra brasileira e pertencimento a cidade.

⁵ Observação participante realizada pela autora.

Chegamos na Praça Paulo da Portela por volta de 12:30h. As barracas das yabás já comercializavam seus quitutes e o almoço já estava acontecendo. Muitas pessoas sorviam suas refeições, a maioria em grupos, acomodados nas mesas e cadeiras próximas às barracas. O palco já estava pronto para receber os palestrantes, cerca de 50 cadeiras plásticas já estavam posicionadas para a acomodação da plateia. Às 13:00h, Marquinhos de Oswaldo Cruz abre oficialmente o evento, faz uma breve apresentação sobre a trajetória dos palestrantes e os convida ao palco para comporem a “mesa do papo”.

Nascido na Bahia e com uma vasta trajetória acadêmica e intelectual, Muniz Sodré destaca-se por ser pioneiro no campo dos estudos comunicacionais no país. Seu trabalho é amplamente reconhecido por trazer uma perspectiva crítica e inovadora sobre a cultura especialmente no que tange às questões raciais e às expressões culturais afro-brasileiras.

Músico e pesquisador brasileiro, Luis Filipe de Lima é conhecido por seu virtuoso domínio do violão de sete cordas e suas contribuições significativas para a música popular brasileira, especialmente no campo do choro e do samba. Mestre e doutor em Comunicação pela UFRJ, é um premiado autor de trilhas para cinema e autor de livros sobre música e candomblé, como *Um vento sagrado* (Mauad, 1996), escrito em parceria com Muniz Sodré.

Convidados para falar sobre samba, chorinho e a cultura musical do Rio de Janeiro, a primeira coisa que disse o professor Muniz Sodré foi que não era sambista, que tem um livro sobre samba (*Samba, o dono do corpo*, Mauad, 1998) mas iria falar sobre samba na visão de um obá do Ilê Axé Opô Afonjá.

O obá é um corpo representativo para fora do axé, eu diria que é um corpo diplomático do Axé Opô Afonjá. A função do obá é falar para fora do terreiro e eu tenho feito isso a vida toda, não escondo meu pertencimento, boto com os meus títulos em qualquer lugar que vou, faço questão de dizer: Obá de Xangô do Ilê Axé Opô Afonjá. E, às vezes, eu falo: para falar do terreiro eu vou falar agora como Obá. É uma fala de dentro. (Muniz Sodré, JORNAL A TARDE⁶, 2023)

Dessa forma, se apresentou como conhecedor do cotidiano e tradições da cultura negra. Comentou que ao longo do caminho, de carona com Luis Felipe, observava a degradação arquitetônica da Avenida Brasil, via expressa que liga a região central aos bairros das zonas norte e oeste da cidade e que, ao transitar por Madureira observou, em

⁶ Muniz Sodré em entrevista ao jornalista Marcos Dias para o jornal A Tarde (06/08/2023). Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/o-axe-opo-afonja-e-tanto-um-lugar-de-culto-como-um-lugar-culto-1237805>

contraste, a efervescência cultural do lugar. “Madureira é viva! Relatando suas vivências, destacou a relevância da música, especialmente do samba e do choro, na cultura afro-brasileira. Contando sobre rodas de choro, as conversas com Pixinguinha, explicou que esses gêneros musicais não são apenas formas de entretenimento, mas também veículos de expressão cultural e resistência. Luis Filipe destacou como a música atua como um elo entre o passado e o presente, permitindo que as histórias e experiências dos antepassados sejam continuamente recontadas, ganhando outros (e novos) significados. Ele mencionou que, assim como as rodas de conversa, a música possui uma dimensão comunitária e educativa, capaz de unir pessoas e fortalecer laços sociais.

Muniz ressaltou o samba como uma manifestação cultural originariamente afro-brasileira, que transcende a música e se torna uma expressão integral de corporeidade. Ressaltou o samba como um fenômeno social que envolve a dança, a oralidade e a vivência comunitária, funcionando como mecanismo de resistências e afirmação de identidade e pertencimento. Em consonância com a fala de Luis Filipe sobre a conexão entre passado e presente, Muniz lembra que o samba acessa a memória coletiva através da performance, muitas vezes como uma extraordinária capacidade de representar e resistir às adversidades raciais e sociais, historicamente estruturadas.

O sociólogo destacou que ao manter a tradição de ocupar o território da rua, a exemplo Praça Paulo da Portela, é possível recriar espaços de diálogo para o fortalecimento da consciência crítica e da participação cidadã. Ele argumentou que, em um mundo cada vez mais dominado pela comunicação digital, a prática da conversa face a face recupera um sentido de comunidade e proximidade que é essencial para a construção de uma sociedade inclusiva. Luis Filipe convidou a plateia a comentar, fazer perguntas e esclarecer curiosidades, o que manteve o aspecto descontraído e comunitário da Roda de Conversa.

Seguindo as homenagens da edição de julho pelo Dia Estadual do Jongo, Marquinhos de Oswaldo Cruz se aproxima, agradece e encerra a conversa para prosseguir com a apresentação de outra Roda: a do Jongo da Serrinha. Na dança, as apresentações de jongo, patrimônio cultural imaterial brasileiro (IPHAN, 2005) mantém o costume de iniciar o rito da roda com uma procissão em memória dos baluartes já falecidos, reverenciando os santos padroeiros, percorrendo a rua até o centro da praça. Em seguida, mantendo a tradição oral, o grupo forma uma grande roda com o público presente para

iniciar o rito da dança. O grupo cultural Jongô da Serrinha, criado em 2000, é originário do Morro da Serrinha, localizado na região da Grande Madureira, subúrbio carioca.

Nos processos de comunicação, as Rodas de Conversa desempenham um papel crucial ao promoverem a troca de informações e a construção coletiva do conhecimento. Cicilia Peruzzo (2004), ressalta a comunicação comunitária, participativa e horizontal, distinguindo-se dos modelos tradicionais de comunicação de massa por seu caráter coletivo e democrático. Ela enfatiza que essa forma de comunicação é impulsionada pela colaboração e pela co-criação de conteúdo, onde os próprios membros da comunidade são os protagonistas e agentes de transformação social. Peruzzo destaca que a comunicação comunitária não se limita apenas aos meios de comunicação tradicionais, mas inclui também práticas culturais, artísticas e educativas que reforçam os laços sociais e a identidade comunitária. Segundo Peruzzo (2004), a comunicação comunitária visa promover a conscientização, a mobilização social e a participação cidadã, elementos que temos observado nas Rodas de Conversa na Feira das Yabás, onde o diálogo acontece de forma linear, valorizando a participação de todos os presentes e promovendo a coesão social.

Roda de Conversa no Reduto Pixinguinha: relato de experiência

O Instituto Cultural Grupo 100% Suburbano é uma entidade cultural localizada na zona norte do Rio de Janeiro, que visa promover e preservar as manifestações culturais dos subúrbios cariocas. Sua missão é dar visibilidade e valorizar as expressões artísticas e culturais periféricas, destacando a importância dessas manifestações na construção da identidade cultural da cidade. Desde 2011, o instituto promove a Roda de Choro no Reduto Pixinguinha, localizado na Praça Ramos Figueira, bairro de Olaria, com o intuito de estimular a apresentação dos diversos grupos de choro da cidade, atrelados à gastronomia do subúrbio carioca e que, ao reunir moradores e artistas, provoque debates sobre temas relacionados à realidade cotidiana local. O Reduto Pixinguinha tornou-se um espaço tradicional e emblemático para a preservação e celebração do choro, gênero musical intimamente ligado à história cultural brasileira e às tradições musicais afro-brasileiras. A convite do produtor e pesquisador Cláudio Jorge Soares, pude vivenciar a condução da Roda de Conversa realizada em 19 de maio de 2024, sobre as relações entre memória e história cultural da comida de subúrbio carioca. A Roda foi em comemoração ao dia das mães e pude perceber uma participação massiva de mulheres, de diferentes

faixas etárias, na plateia. Assim como na Feira das Yabás, a praça estava organizada com mesas e cadeiras plásticas dispostas em círculo, ao fundo um “palco” reservado aos musicistas da Roda de Choro.

O evento teve início ao meio dia com a servidão de uma feijoada completa, produzida e comercializada por pessoas da comunidade. Às 13:00h fui recebida com carinho pelos participantes e em seguida apresentada pelo produtor Cláudio Jorge, um estudioso das questões culturais e de políticas públicas sobre os subúrbios do Rio de Janeiro. Como um “papo da hora do almoço”, apresentei a pesquisa de doutorado que resultou na publicação gratuita do livro *Comida de Subúrbio: cultura, memória e comensalidade das Yabás da Grande Madureira* (E-papers, 2023) e que aborda a riqueza e a diversidade da culinária dos subúrbios, mostrando como os pratos típicos refletem as histórias e as culturas das comunidades.

Durante a conversa, compartilhei minhas experiências e motivações para a escrita do livro, ressaltando a importância de valorizar e preservar as tradições culinárias das periferias. As participantes, por sua vez, enriqueceram o diálogo com suas próprias histórias e lembranças relacionadas à comida de suas infâncias e lares. Houve momentos de conexão, especialmente quando discutimos a influência das receitas maternas e como elas moldam nossa identidade e memória afetiva; a importância da comensalidade — o ato de compartilhar uma refeição — como um dos principais pilares da construção das relações comunitárias. A comida, como argumentei, transcende a função de alimentar; ela é um elo afetivo, um fio que conecta gerações, e no subúrbio carioca isso é visível em cada encontro familiar e nos eventos comunitários. Ao final do encontro, agradei a oportunidade de discutir a "Comida de Subúrbio" em um ambiente significativo, ouvindo e compartilhando as experiências que referenciam a importância da culinária como um patrimônio cultural e um elo afetivo entre gerações.

De acordo com Sandra de Sá Carneiro (2015), esses eventos desempenham um papel na construção da identidade cultural local e na promoção de um senso de pertencimento e solidariedade entre os participantes. Eles também funcionam como espaços de resistência cultural, onde as práticas e os saberes tradicionais são valorizados e mantidos vivos frente às pressões contemporâneas das culturas digitais, hiperconectadas. A interação entre músicos e comunidade nas rodas de choro fortalece os laços sociais e promove uma vivência cultural rica e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva C. **Escravos e o mundo da comunicação**: oralidade, leitura e escrita no século XIX. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

BARBOSA, Marialva C. **Modos de comunicação e práticas de leitura dos escravos do século XIX**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 152-171, jan/abr. 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v14i39.1310>.

CHAO, Adelaide. **Comida de subúrbio**: cultura, memória e comensalidade das yabás da Grande Madureira. Rio de Janeiro: E-papers, 2023 (e-book). Disponível em https://www.e-papers.com.br/produtos.asp?codigo_produto=3461

CHAO, Adelaide. **Comunicação e Cultura**: a Feira das Yabás / 2015. 104 f. Trabalho de conclusão de curso (dissertação) de mestrado em Comunicação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOHLFELDT, Antonio. **As origens antigas: a comunicação e as civilizações**. In HOHLFELDT, A; MARTINO, L; FRANÇA, V. (orgs.). Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. 8ª ed. pp. 61-98. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a Educação como Prática da Liberdade. Tradução de Marcello Brandão Cipolla. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MAFFESOLI, M. **A mesa como lugar de comunicação**. In: MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção*: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

MELO, Ricardo H. Vieira de (et.al.). **Roda de Conversa**: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade. Rev. bras. educ. med. 40 (2). Apr-Jun, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e01692014>.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. Tradução: Letícia M. de Andrade. São Paulo: Senac, 2008.

MOREIRA, Sueli Aparecida. **Alimentação e comensalidade**: aspectos históricos e antropológicos. *Cienc. Cult. [on-line]*, v. 62, n. 4, p. 23-26, 2010.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. **A Reinvenção da Roda**: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. Revista Temas em Educação, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 25/07/2024.

PAIVA, R. **O espírito Comum**: comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PERUZZO, C. **Epistemologia e método da pesquisa-ação**. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. Campinas, Galoá, 2016.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERUZZO, Cicília. **Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais**. Porto Alegre: Sulinas, 2022

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
socialis. Porto Alegre: Sulinas, 2022.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SODRÉ, Muniz; LIMA, Luiz Filipe. **Um vento sagrado**: história de vida de um adivinho da tradição nagô-kêtu brasileira. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.